

[Publicado previamente en: *Revista de Guimarães* 76.1-2, 1966, 5-24. Versión digital por cortesía del editor de la revista y de los herederos del autor, corregido de nuevo y con la paginación original].

© Herederos de Antonio García y Bellido

© De esta versión digital, Gabinete de Antigüedades de la Real Academia de la Historia

O problema dos enterramentos na cultura castreja *

Antonio García y Bellido

[-5→]

Ao estudarmos a cultura castreja, nos seus variados aspectos, chama-nos inmediatamente a atención a ausência de uma das características mais destacadas de toda a cultura: as necrópoles, entendenlo-se como tal o que a etimología da própria palabra significa, isto é, «cidade [-5→6-] dos mortos», lugar separado e distinto da cidade dos vivos, recinto sagrado onde estes restituem à terra mãe os despojos dos seus familiares.

De facto, apesar de ser conhecido um número realmente grande de povoados castrejos, nao se tem podido, na verdade, verificar simultaneamente a existência de uma única das suas necrópoles. Esta ignorancia nao pode atribuir-se a mero acaso, visto conhecer-se com precisão absoluta a localização de centenas de castros. A razão tem de ser muito outra. Deveremos então atribuir este facto a quaisquer causas fortuitas, ou somos simplesmente forçados a concluir que os castrejos não utilizavam necrópoles *strictu sensu*?

Das duas possíveis respostas implícitas nestas mesmas interrogações parece-nos muito mais verosímil e aceitável a última, pelo menos a julgar através do que hoje conhecemos desta cultura. Na verdade, é de aceitar que os protagonistas da cultura castreja praticassem ritos funerários, se bem que ainda hoje mal conhecidos, é certo, mas que, em todo o caso, não consistiam em reunir os restos dos seus mortos em determinados lugares, de antemão fixados, comuns a todos eles, e unicamente destinados a esta finalidade, separados e mais ou menos distantes do lugar onde os vivos habitavam.

* (*) Abreviaturas adoptadas neste estudo:

AEArq. — *Archivo Español de Arqueología*,

BRAH — *Boletín de la Real Academia de la Historia*.

CEG — *Cuadernos de Estudios Gallegos*.

Estados — F. López Cucvilías e R. de Serpa Pinto, «Estados encol da Edade do Ferro no Noroeste da Península», *Arquivos do Seminario de Estudos Galegos*, 6, 1933-1934, 217 ss,

Coaña I — A. García y Bellido, «El castro de Coaña (Asturias)», *AEArq.* 14, 1940-1941, 188 ss.

Coaña II — «A. García y Bellido, «El castro de Coaña (Asturias), Nuevas aportaciones», *AEArq.* 15, 1942, 216 ss.

Pendia — A. García y Bellido, «El castro de Pencia», *AEArq.* 15, 1942, 288 ss.

Hom. Cuevillas — *Homaxe a Florentino L. A. Cuevillas*, Vigo 1957.

Hom. Mérida — «Homenaje a Mérida», *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, I-III, Madrid, 1934-1935.

Santa Tecla — C. de Mergelina, «La Citania de Santa Tecla», *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología de la Universidad de Valladolid*, 11, 1945.

Agua Santa — J. Lorenzo Fernández, «El monumento prehistórico de Agua Santa y los ritos funerarios de los castros», *CEG*, 1947, 341 ss.

Meirás — J. M. Luengo, *Excavaciones: arqueológicas en el Castro y su necrópolis de Meirás (La Coruña)*. Memoria n.º 23 de la Comisaría de Excavaciones, Madrid, 1950.

© Herederos de Antonio García y Bellido

© De la versión digital, Gabinete de Antigüedades de la Real Academia de la Historia

É sabido que os seus cadáveres eram incinerados e que, para isso, construíam fornos crematórios, câmaras de incineração como as duas de Briteiros, as duas de Pendia, as de Coaña, Aguas Santas, Monte da Saia e tantas outras menos conhecidas. Mas, onde recolhiam eles e guardavam os despojos de seus mortos, urna vez reduzidos a cinzas?

Naturalmente — e é dísso que vamos tratar agora — em recipientes de barro, de pedra ou de madeira ¹, que [-6→7-] eram levados em seguida para as próprias moradas dos vivos e aí colocados segundo normas especiais, que deveriam variar não só de região para região, mas também no decorrer do tempo. Em certos castres construíram-se verdadeiros cemitérios comuns, dentro do próprio recinto urbano castrejo (Meirás); noutros os recipientes cinerários eram enterrados, ora no solo do interior das casas (Pendia, Coaña), ora em recintos *ad hoc*, anexos a elas (Coaña). Em alguns casos eram simples covas abertas na terra ou na rocha (Meirás), noutros eram verdadeiras cistas (Terroso). Por vezes os recipientes eram pedras providas de cavidades (castros do Navia); em casos mais frequentes, eram vasos cerâmicos, contudo noutros, que não podemos concretizar, seriam de madeira.

Vamos seguidamente catalogar os dados, que até hoje conhecemos, probatórios da tese que acabamos de enunciar.

Começaremos por advettir que em diversas áreas culturais da Península, e em épocas que precederam aquela que podemos considerar como *akmé* da castreja, isto é, dos séculos imediatamente anteriores e posteriores ao começo da era cristã, já se praticava o costume de depositar os restos mortais dentro das casas ou em lugares adjacentes. Podemos citar um exemplo, muito próximo em tempo e lugar do período castrejo. Refiro-me ao de Cortes de Navarra, na bacia do Ebro: ali foram encontrados [-7→8-] vários enterramentos de creenças sob o pavimento das casas. Eram todos de inumação, mas, para o que pretendemos demonstrar, esta modalidade não tem importância de maior ². O facto é também frequente noutros povoados da mesma época do Baixo Aragón.

No interior do Castro de Folgosa descobriu-se *una especie de groseras cajas cuadrilongas de piedra formadas por cuatro foscas lajas clavadas de canto. Quizás se tratase de cistas* ³.

O Castro de Celtigos, contém, em algumas das suas penedias, várias cavidades elípticas e circulares, uma delas muito profunda e bem talhada, em forma de vaso ⁴.

¹ Recipientes de madeira foram de uso corrente nos castros. Como é natural não podemos aduzir testemunhos reais desse emprego, por se tratar de material pouco durável; contudo, excepcionalmente, em Iuliobriga, encontramos num poço dois recipientes de madeira, um dos quais com duas asas («Excavaciones en Iuliobriga», *AEArq.* 29, 1956, 165 ss. fig. 53). Além disso, os textos antigos confirmam o facto. Estrabão (III, 3, 7) diz, falando dos habitantes do N. da Península: *usam de recipientes tallados em madeira*. Vasilhas de madeira empregam-se ainda em nossos dias, por exemplo, na Vascónia onde, para aquecer o conteúdo líquido de estes recipientes (kai kuá), lançam dentro pedras de ofito, enrubescidas ao fogo (sniariak). Sniariak significa «pedra do leite» por serem estas pedras geralmente empregadas para o aquecer. (J. Aguirre, «Avance a un Catálogo de Etnografía» *Revista Internacional de estudios vascos*, 18, 1927, 357 n.º 82; Esnarriak). Noutro lugar Estrabão (III 3, 6), falando dos habitantes lusitanos das margens do Douro, diz que, para produzir o vapor necessário para os seus banhos lacónicos (o actual chamado banho turco), lançavam água sobre-seixos candentes. Nas escavações que efectuamos em Coaña achámos grandes quantidades de seixos do rio calcinados no interior de muitas das suas vivendas. Numa delas apenas, encontrámos várias centenas (*Coaña I*, 205 ss.). Prova indirecta do uso de tais recipientes de madeira é o facto de os achados cerâmicos serem raríssimos ou nulos em certos castros e, em todo o caso, sempre muito menos abundantes que nos povoados ibéricos. Adeante veremos como este costume pode explicar certos fenómenos relativos aos ritos funerários.

² J. Maluquer de Motes, «Los poblados de la Edad del Hierro de Cortes de Navarra». *Zephyrus* 5, 1954, 8.

³ F. Maciñeira, «Los castros prehistóricos del N. de Galicia», *Hcm. Mérida* I, 139.

Adeante veremos que, nos castros do Navia, as pedras com fundas cavidades foram verdadeiras urnas cinerarias.

Dentro dos campos tumulares do alto Eume, no Castro de Vila dos Cotos, díz-se terem aparecido várias pequennas caixas de pedra, rectangulares, contendo dentro púcaros de barro cheios de cinzas ⁵.

Em Zamora, no Castellón de las Portillas, cita-se uma câmara abobadada e outra quadrangular subdividida em compartimentos, num dos quais apareceu uma vasilha com cinzas, uma moeda e um pequeno aro dourado ⁶. É lamentável que não se tenham dado mais notícias sobre este achado, que reputamos seria importante.

Os castros de Toldaos e Góo deram, ao que parece, sepulturas tumulares ⁷.

No de Fozara, chamado A Cividade, perto de Punteareas, encontrou-se uma cista de paredes de pedra e soleira de lousas, sob as quais havia um poço com terra negra, aberto numa camada virgem de saibro vermelho. É possível que se tratasse de uma sepultura como as descritas ⁸. [-8→9-]

No Castro de Morgadán, na provincia de Lugo, achou-se soterrada a poucos centímetros de profundidade uma espécie de cista quadrada, formada de pedras rectangulares e bem lavradas, das quais a que servia de tampa mostrava uma gravura em forma de estrela. No interior continha muitas cinzas recolhidas num recipiente cerâmico ⁹. É curiosa esta gravura estrelar, pela sua relação com os signos astrais, tão comuns à arte funerária destes povos castrejos como à dos seus vizinhos da Meseta Superior.

Cerca de Santiago, num castro situado junto da estrada de La Coruña, encontrou-se uma urna cinerária com um espólio de quatro torques de ouro ¹⁰.

O castro de Cerceda (Coruña) deu outra sepultura com um torque de ouro ¹¹.

Em Portugal, podemos citar especialmente o flagrante exemplo do castro de Terroso. Ali apareceram, por baixo de três casas circulares, supostas sepulturas hipo-geas também circulares, a modo de poços (Fig. 1), com revestimento interior de alvenaria e por vezes divididas em dois pisos por meio de uma lousa ínterposta ¹². Embora não se encontrassem nestes sepélios objectos que os pudessem datar, é contudo evidente que se tratava de depósitos funerários de incinerados. Devemos sublinhar que as casas sob as quais se depositaram eram de planta redonda. O castro, por sua vez, é, como sabemos, dos mais típicos desta cultura.

No Outeiro de São Simão apareceu uma pia de pedra cheia de cinzas e carvões ¹³.

No Monte de São Pedro exumaram-se vasilhas inteiras e carvões ¹⁴ [-9→10-].

⁴ F. Maciñeira, *ut supra*, 140.

⁵ F. Maciñeira, *ut supra*, 140.

⁶ Lorenzo, *Aguas Santas*, 196.

⁷ *Ibidem*.

⁸ Referencia oral de J. G. de Sela y Torres.

⁹ *Catálogo de los castros gallegos, Val de Villamarin* 1, 1927, 12 s. Vide também Cuevillas e Serpa Pinto, *Estudos*, 61.

¹⁰ A. López Ferreiro, *Historia de la Santa A. M. Iglesia de Santiago* 1, Santiago, 1898, 148 nota 1. — Veja-se também F. Bouza Brey, «Castros de la Comarca Compostelana», *AEArq.* 14, 1941 539.

¹¹ R. Barros Silvelo, *Antigüedades de Galicia*, La Coruña, 1875, 110 (segundo Luengo, *Meirás*, 80).

¹² Cuevillas e Serpa Pinto, *Estudos*, 62.

¹³ Martins Sarmiento, *Dispersos*, Guimarães, 1933, 191.

¹⁴ Martins Sarmiento, citado por Lorenzo, *Aguas Santas* 196.

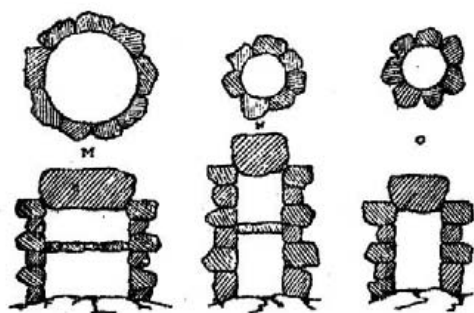


Fig. 1 — Terroso.

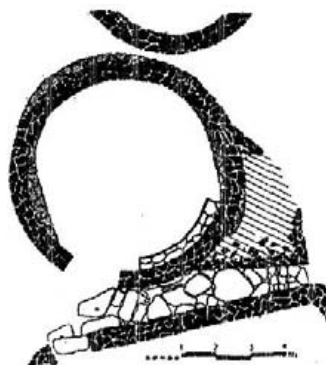


Fig. 2 — Casa de Coaña, com sepultura anexa.

[-10→11-]

Parte dos casos acima registados são até certo ponto duvidosos. Outros, todavia, de grande força probatoria, como o de Terroso, Morgadán, Santiago, Cerceda e Pozara, vistos e observados por pessoas autorizadas. Os casos mais evidentes são contudo os de Coaña, Pendia e principalmente o de Meirás, aos quais em seguida nos vamos referir,

Em Coaña pudemos descobrir ¹⁵ uma construção de planta trapezoidal encostada a uma cabana circular (Fig 2.), sem comunicação alguma com ela pelo interior, ignorando se a teve por fora, visto haver-se perdido uma parte da parede exterior. A sua face interior não apareceu, o que leva a supor ter-se enchido primeiro o interior após o que se fez a parede externa. Dentro encontrámos, já remechida, uma pequena câmara formada por lajes horizontais sustentadas por outra vertical. No meio da terra apareceram cinzas e restos de um recipiente cerâmico ¹⁶.

Semelhante é o caso que observamos na escavação do mesmo castro: dentro de uma cabana circular, encontrámos, no centro e quase ao nível da habitação, primeiramente três grandes lajes de xisto colocadas horizontalmente; depois um leito de seixos rolados; mais abaixo, escombros com fragmentos cerâmicos; logo a seguir uma laje e, por baixo dela, duas pedras toscas de uns 16 cm. de largura e 2 de espessura, colocadas directamente sobre a rocha viva. A profundidade total desta cavidade era de uns 75 cm, ¹⁷. As explorações feitas em redor [-11→12-] deram a mesma capa de seixos rolados ¹⁸ e (o que é realmente curioso) uns pedacitos de estuque fino com restos de cor branca e ocre, que suspeito fossem testemunhos de um revestimento do nicho cinerário, se na realidade tal existiu.

No vizinho castro de Pendia encontrei (Fig. 3), ao nível do solo e próximo da parede interior, uma laje de xisto com um buraco a meio, e debaixo dela uma grande pedra granítica com outro buraco que vinha a coincidir precisamente com o da pedra

¹⁵ A. García y Bellido, *Coaña I*, 202.

¹⁶ Trata-se, sem dúvida, de um depósito funerário, o que nos leva conseqüentemente a deduzir que pelo menos parte das construções adjacentes a muitas das vivendas castrejas—construções que, com razão, tem sido consideradas como recintos auxiliares das respectivas casas (estabules, galinheiros, depósitos de lenha etc.) — foram também, em alguns casos, cemitérios familiares. Esta hipótese poderia explicar certos conjuntos de vivendas castrejas que, pela sua complexidade, não são fáceis de interpretar. Em todo o caso julgamos prudente chamar a atenção e apontar a hipótese, que futuramente poderá ser confirmada de modo mais fidedigno.

¹⁷ A. García y Bellido, *Coaña II*, 231.

¹⁸ O seixo rolado apareceu também nos enterramentos de Meirás, que adiante descreveremos. Teria um sentido simbólico relativo ao lar? Já na nota 1 vimos que o seixo rolado era correntemente empregado nos usos de cozinha.

que lhe servia de tampa. Infelizmente o recipiente de granito não continha restos apreciáveis de qualquer coisa ¹⁹.

Na parte escavada do castro de Meirás ²⁰, que apenas abrange uns pequenos sectores, descobriram-se cerca de setenta depósitos funerários concentrados dentro dos muros da acrópole, em áreas relativamente pequenas, mas na proximidade do seu perímetro. Consistem todos eles em simples cavidades abertas na rocha, geralmente próximas umas das outras. Posto que não faltam as de boca circular, na maioria esta é ovoide ou elíptica (Fig. 5). A dimensão média do seu maior diâmetro oscila entre 30 a 40 cm., e a sua profundidade é de uns 25 a 40 cm., existindo contudo algumas maiores ou mais pequenas ²¹. Nestas condições, pode afirmar-se que, na abertura destas fossas, não foi seguida uma norma determinada, regular, resultando assim umas maiores, outras menores, circulares ou ovais, mais ou menos profundas, porque ao escavá-las não se pretendem outra coisa senão obter uma simple cavidade para ali depositar as cinzas do morto, contidas ao que parece em vasos ou urnas cinerárias. Urna particularidade curiosa, para a qual é difícil propor [-12→13-]

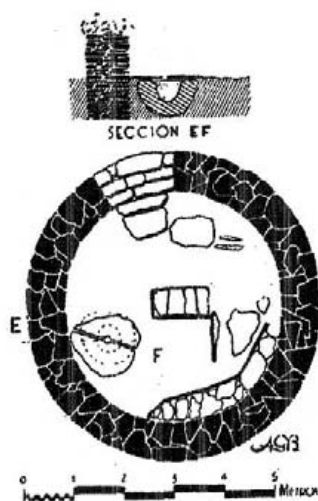


Fig. 3

Enterramento de Pendia.

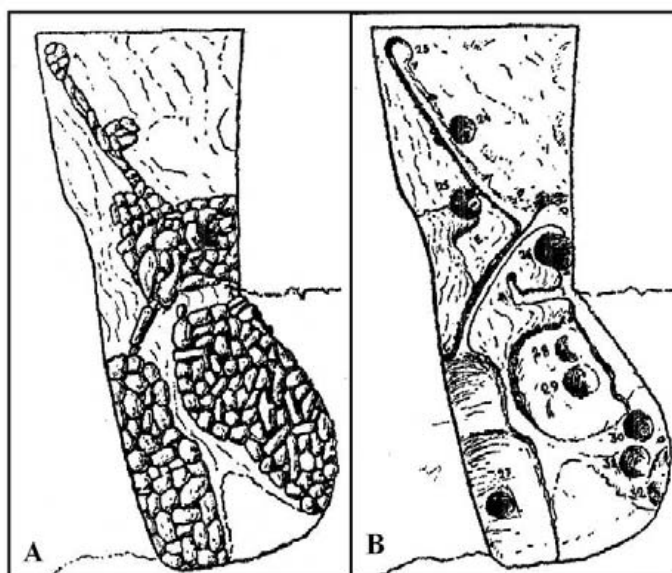


Fig. 4

- A) Sepulturas 23 a 32, com as capas de pedras que as cobriam.
 B) As mesmas sepulturas depois de escavadas, mostrando suas cavidades e canais.

(Segundo Luengo, *Meirás*, fig. 15).

[-13→14-]

¹⁹ A. García y Bellido, *Pendia*, 295.

²⁰ J. M. Luengo, *Meirás*.

²¹ Algumas chegam a ter 1,50 m. de diâmetro com uma profundidade, por vezes, de 80 cm. Noutras cavidades, esta profundidade não vai além de uns 10 a 12 cm. Por excepção há duas fossas de planta mais ou menos rectangular ou trapezoidal, uma com as dimensões de 1,30 x 0,60 m., e a outra com 0,90 x 0,50 m. aproximadamente.

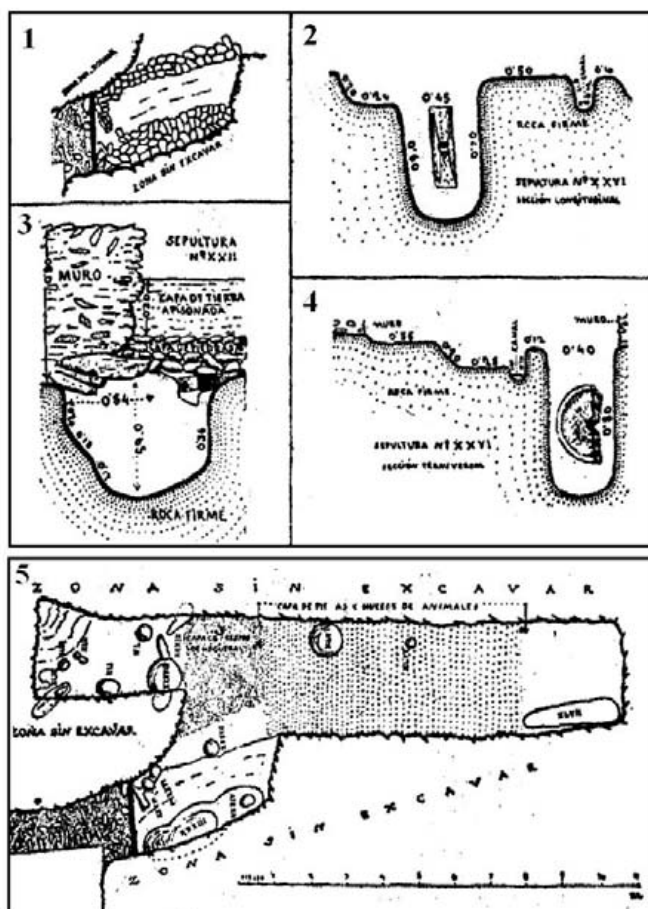


Fig. 5

- 1) — Zona das sepulturas 33 a 37 con sua cobertura de pedras.
 2, 3 e 4) — Diversos tipos de sepulturas.
 5) — Planta da zona de sepulturas 33 a 47.

(Segundo Luengo, *Moirá*, fig. 16).

[-14→15-] qualquer solução que a explique satisfatoriamente, é o facto de, na superfície de uma mesma pedra, haver canais mais ou menos sinuosos unindo ou relacionando entre si cavidades varias (Fig. 4 B). Serviriam sepélios de indivíduos, consanguíneos?

Geralmente estas cavidades encontram-se cobertas de pedras pequenas. Algumas, maiores e alongadas, aparecem fincadas verticalmente dentro da cavidade. Talvez se trate de estelas ali erguidas, as quais pelo seu maior peso e pouca densidade da terra do enchimento do buraco, tombaram no seu interior. Um dos sectores escavados deu uma espécie de pavimento de pedras, sob o qual apareceram varias fossas.

O espólio funerário deve ter sido sempre muito pobre. Nas sepulturas escavadas até hoje tem sido encontradas cinzas, ossos humanos que o fogo não chegou a consumir por completo ²², madeiras queimadas, fragmentos de vasos cerâmicos indígenas (nenhum completo) ²³ e, mais raramente, fragmentos de *terra sigillata*, de ânforas e de cerâmica

²² Numa das sepulturas apareceram os seguintes restos de ossos humanos: a cabeça de um fémur, parte do maxilar inferior, a bóveda palatina, parte ilíaca da pelve e vários fragmentos de ossos longos.

²³ É curioso que, apesar de esta necrópole haver aparecido intacta, não se encontrassem nas suas sepulturas vasos que, mesmo quebrados, fosse possível reconstituir inteiramente. Recorde-se o que na nota 1 dissemas a propósito de vasilhas de madeira.

romana vulgar; cravos e pedaços de ferro; ossos de animais (boi e cavalo, principalmente); machadinhas de pedra polida, bolas de barro cozido e, em determinados casos, uma fíbula, um pendente, uma moeda romana. Apareceram também pedaços de tijolos e de telha romana. Tal é geralmente o inventário de estes espólios que, como é natural, varia de uma sepultura para outra.

A título de exemplo, citarei tres enterramentos significativos. A cova (n.º 21) que continha uma moeda estava tapada com uma camada de pedras. No interior apareceram: cinzas, madeira queimada, ossos pulverizados, pedras miúdas, um fundo de vaso de tamanho regular, de *terra sigillata*, inclassificado, e a moeda referida, de Augusto. Outra cova (n.º 7), deu grande quantidade de pedras, fragmentos de varias urnas cinerarias, uma fíbula [-15→16-] de bronze do tipo de La Tène III, o bico de uma ânfora romana, uma faca de ferro, madeira queimada e ossos humanos constituídos pelo pedazo de um fémur, outro de astrágalo, parte de um metacarpo e a extremidade inferior de um húmero. Finalmente aínda outra (n.º 22), deu restos de um recipiente de *teérta sigillata*, fragmentos de tijolo e de *tegulae* e, juntamente, pedaços de varios recipientes indígenas, tintzas, ossos pulverizados, madeira queimada e grande porção de pedras pequenas e grandes.

Dado o modo como estas sepulturas de poço se agrupam e ocupam certa extensão de terreno, cabe designar o seu conjunto como um cemitério, ou necrópole urbana, visto encontrar-se dentro do recinto murado da circunvalação da acrópole propriamente dita. Ora bem: diferentemente do que sucede com Coaña e Pencia — onde os sepelios se fizeram no interior das vivendas ou junto delas — aqui, em Meirás, aparecen agrupados e reduzidos a um ou a varios sectores da cidade, mas nunca dentro das próprias casas dos vivos ²⁴.

A cronología absoluta destes enterramentos de Meirás é contudo imprecisa. So aquelas covas que deram objectos romanos podern datar-se vagamente. Assim as sepulturas que continham a moeda de Augusto, a *terra sigillata*, os pedaços de tijolo e *tegulae*, os moinhos de mão, redondos, os bicos de ânfora, etc., poderiam datar-se com certa seguranza (considerando estes objectos como um *terminus post quem*) de plena época imperial. A mesma conclusão nos conduz a fíbula de La Tène III aparecida, como dissemos, juntamente com uma ponteira de ânfora romana ²⁵ [-16→17-]

²⁴ A verdade é que, apesar do que fica dito, duas das cavidades apareceram por baixo das paredes da única vivenda completa até hoje descoberta, uma casa circular, de pedra, situada perto de uma área de enterramentos. Mas tudo leva a crer que essa casa tivesse sido construída muito posteriormente, não existindo portanto relação alguma directa entre os enterramentos e a referida vivenda, que deve datar já da época imperial avançada, visto na sua conatrução ter sido empregado um pedaço de mo circular romana. Infelizmente como aquelas cavidades apenas continham cinzas, não foi possível precisar a sua cronología absoluta.

²⁵ Estes são os testemunhos mais evidentes da tese que, sustentamos. Contudo, alguns mais poderíamos acrescentar, como sejam por exemplo os seguintes, que, por menos seguros, relegamos para esta nota: No castro de Revilla (León) *se dice aparecieron unas ollas al lado de unas Piedras con caracteres de sepulturas por incineración* (Luengo, *Meirás*, 78). Gómez-Moreno alude a *ciertas ollas con cenizas y piedras de molino* no castro de Turcia, también de León (*Catálogo Monumental de la Provincia de León*, Madrid 1925, 6 s.)- Na mesma provincia, cerca de Ardón, fica o cerro de Cembranos, onde se diz terem aparecido *ollas con cenizas* (Luengo, *Meirás*, 78). No castro de Morgovejo, também leonés, Luengo descobriu *restos humanos incinerados*, um *en un pozo abierto en la rosa viva, donde aparecían cenizas en diversas capas*, e outros em *una agrupación de peñascos, bajo los cuales se hicieron enterramientos*, Estavam todos violados e não ofereceram material arqueológico (J. M. Luengo, «El castro de Morgovejo», *Actas y Memorias de la Soc. Esp. de Antropología, Etnología y Prehistoria*, 15, 1936-1940, 177). Este caso parece muito semelhante ao de Meirás, de que já falamos, também escavado por Luengo.

Sendo assim, nada tem de extraordinário que este uso continuasse por algum tempo após o domínio romano, e por consequência nos últimos tempos do mesmo, quando o rito da incineração era comum a a pagãos e cristãos em todo o mundo romano. De facto há testemunhos suficientes, não so arqueológicos como também escritos, a provar que assim foi.

Como acabamos de ver, muitas das sepulturas de Meirás são datáveis do pleno Império, E, como essas, outras existem em diversos castros. Citemos o de Santiago.

No Castro que existiu onde hoje se encontra a cidade do Apóstolo, castro que deveria ter sido grande» encontraram-se, pelos fins do século XIX, nos alicerces de uma casa moderna próxima da igreja de San Salomé, varios enterramentos consistentes *en un pozo circular que se va estrechando hasta que, como a un metro de profundidad, se halla cortado por un ancho e grueso ladrillo que cubre esta pequeña cavidad en la cual se conservaba la urna cineraria*.

Esta forma de sepélio, tao semelhante à de Terroso, foi comparada acertadamente pelo seu descobridor as chamadas pelos italianos «tombe a pozzo», expressão que precisa a descrição ²⁶. A incineração, só por si, já indica que o sepélio não é cristão, e o emprego do tijolo grosso denuncia que a sua época deve ser a imperial e, inclusivamente, tardia. [-17→18-]

O mesmo caberia dizer de acabados semelhantes ocorridos nos castros de Riego de la Vega e de Polvazares, na provincia de León ²⁷.

Caso igualmente datável, *grosso modo*, no período imperial romano é o do Castro de Villanueva del Carnero, na mesma provincia. Segundo noticias dos aldeãos, apareceram ali *restos de huesos y cenizas y algunas Monedas romanas* ²⁸.

No de San Andrés de Montejos (León) acharam-se *en su falda oriental sepulturas y entre ellas se sacó una estela votiva que guarda en su iglesia el párroco*, sendo lamentável que da mesma nos não desse Gómez-Moreno ²⁹ mais pormenores.

No castro de Quintanilla de Somoza (igualmente en León, a O. de Astorga) descobriram-se em 1908 sepulturas com recipientes de barro ³⁰.

No castro de Torralba, Pontevedra, foram descobertas umas sepulturas de inumação, o bastante para datar este achado em cerca do final do século II ou no III da nossa era ³¹.

O mesmo se poderla dizer do castro de Lancia, perto de León ³².

No de Lanzada, Pontevedra, com a presença de casas redondas, há enterramentos por inumação, achados de cerâmica romana tardia e moedas de Galieno e de Constantino ³³.

[-18→19-]

²⁶ López Ferreiro, cit. na nota 10, e F. Bouza-Brey, a quena se alude na mesma nota.

²⁷ C. Morán, *Por tierras de León*, Salamanca 1925, 112 c 113.

²⁸ Luengo, *Meirás*, 78, Cito este caso pelo que possa valer, pois reconhecemos que a autoridade de um campónio não faz fé, posto que a noticia seja muito verosímil.

²⁹ *Cat. León*, 3 (citado na nota 25).

³⁰ Convém lembrar que deste mesmo castro é procedente a famosa lapide de Sárapis. M. Alonso Criado, *El Faro Astorgano* VI, n.º 818 de 17 de Agosto de 1908 (segundo Luengo, *Meirás*, 79). Com respeito à lapide de Sárapis, ver o nosso estudo em *BRAH* 139, 1956, 330 ss. Dado que possa existir alguma relação entre uma sepultura e o ambiente em que ela tenha aparecido, os referidos enterramentos deverão ser já tardios.

³¹ Oviedo y Arce, *Bol. R. Ac. Gallega*, 8, 19, n.º 78, 168 (citado por Luengo, *Meirás* 81).

³² E. Gago Rabanal, *Arqueobiología*, León, 1902, 97 ss. (de Luengo, *Meirás* 79).

³³ A. Blanco, «La cultura castreña», *Symposium de Prehistoria de la Península Ibérica*, Pamplona, Setembro de 1959, 192.

No castro de Alobre acharam-se sepulturas de inumação, ja cristãs, e moedas, uma de Cascantum (autónoma), outras de Galieno e Constantino, além de restos de mosaico e fragmentos de *terra sigillata* ³⁴.

A presença de estes enterramentos de inumação denotam já, só por este facto, que estamos em fins do Imperio e que, aínda entã, era seguido o velho costume de enterrar os despojos humanos dentro dos castros. Assim era de esperar visto que tal costume chegou mesmo até os nossos días em certos lugares recónditos do N. da Península ³⁵.

Os textos antigos, aínda que poucos e breves, dãoos noticia da existencia de tal costume nos tempos de que tratamos. A *Lex Coloniae Genetivae Iuliae Urbanorum*, dada por César a Urso (a actual Osuna), proíbe explicitamente os enterramentos dentro do aro urbano (LXXIII. *Ne quis intra fines oppidi coloniaeve, qua aratro circumductum erit, hominem mortuom inferto neve urito neve hominis mortui monimentum aedificato*), Posto que tal disposição proceda da Lei das XII tábuas (X 1), a sua repetição aqui deve, sem dúvida, interpretar-se como oportuna, visto existir aínda em Urso esta prática de um modo mais ou menos generalizado ou patente ³⁶. A este mesmo costume aludia aínda, no século VI-VII da nossa era, Santo Isidoro de Sevilha (*Etym.* 15, 11, 1), ao advertir *prius autem in domo sua sepeliebatur*. O texto deixa supor que já no seu tempo era um hábito esquecido na Baetica, de onde ele escreve; contudo, esta sua [-19→20-] recordação talvez fosse provocada pela sobrevivência daquele costume aínda em tempos próximos ao do escritor.

O achado da sepultura já descrita, de Pendia (Fíg. 3), na qual, no subsolo interior de uma cabana circular, aparecem uma pedra com uma cavidade coberta por uma laje, levou-nos à conclusão de que outras pedras similares, com uma ou varias covas, abundantes em Coaña e noutros castros próximos, deveriam ter tido destino igual, que não podia ter sido outro senão o de servirem de urnas cinerárias para recolher e conservar os restos carbonizados dos mortos de uma familia na morada dos seus próprios familiares, sob o mesmo tecto que em vida cada um habitou. Nas figuras 5 e 6 apresentamos os exemplares mais característicos achados nos castros da Coaña, Pendia e La Escrita, todos tres na região do Navia. São de pedra granítica, isto é, importada, visto que na região apenas existe xisto. São grandes, por vezes enormes, mas em geral apenas lavradas por uma das faces, conservando-se o resto em grosso, certamente por ficar soterrado. A profundidade das cavidades oscila entre 15 a 20 cm, tendo a largura das bocas uns 15 cm. de diámetro. O fundo é hemisférico. O número destas covas varia entre uma e quatro ou cinco, contudo também há pedras com maior quantidade, como, as duas conhecidas de La Escrita, uma das quais apresenta sete cavidades e a outra oito (Figs. 6 e 7). Em todas estas pedras com buracos, a face na qual eles foram abertos aparece com um rebordo ou filete ligeiramente saliente e não muito largo. Seguramente nesse rebordo se

³⁴ F. Bouza-Brey, «O Castro de Alobre», *Hom. Cuevillas*, 77.

³⁵ Nas provincias vascas ha povoados onde as crianças mortas sem baptismo são enterradas sob o beiral do telhado da casa (= itxusurián, literalmente — «debaixo das goteiras do telhado»). Ver, a este respeito, J. M. de Barandiarán, «Contribución al estudio de la casa rural y de los establecimientos humanos: Ataun», *Anuario de la Sociedad de Eusko-Folklore* 5, 1925, 25 s.; B. de Echegaray «Significación jurídica de algunos ritos funerarios del País Vasco», *Revista de Estudios Vascos*, 16, 1925, 94 ss. e 184 ss. Devemos à amabilidade do Sr. Caro Baroja estas e outras referências bibliográficas relativas a costumes vascos actuais.

³⁶ Estes rituais eram também praticados por certos povos itálicos em épocas remotas, como se depreende de Cicero, *De leg.* 2, 23, 58, e de Servius, *in Aen.*, 11, 206. Cf. A. D'Ors, *Epigrafía jurídica de la España Romana*, Madrid, 1953, 197.

encaixava ou ajustava uma placa de xisto que cobria a cavidade ou cavidades, a modo de tampa ³⁷.

Dissemos que geralmente as pedras são grandes e por consequência o seu peso está de harmonía com seu tamanho. A lage mais pequena do castro de La Escrita (Fig. 7), com oito buracos, mede 1,30 x 0,73 x 0,29 m, à qual corresponde o peso de uns 700 quilos. A maior de Coaña (Fig. 6) cujas dimensões são de 1 x 0,75 x 0,67 m., [-20→21-]

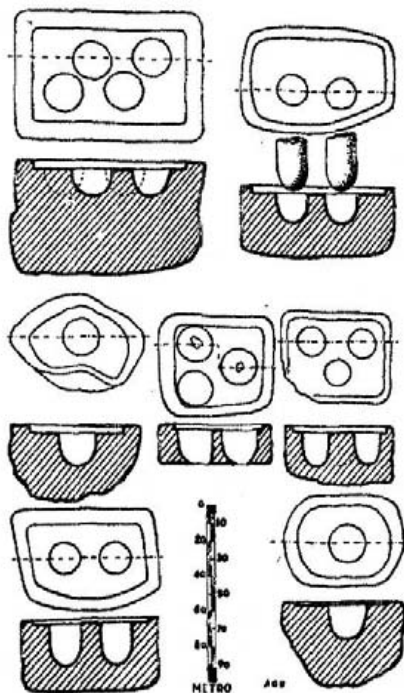


Fig. 6

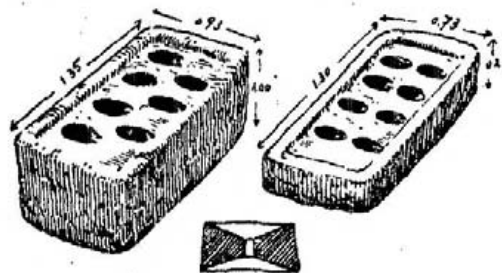


Fig. 7

Pedras com cavidades, procedentes do Navia.

[-21→22-] pesa 2.250 quilos aproximadamente. Mas a maior de La Escrita (Fig. 7), com sete cavidades, pesa nada menos de tres toneladas, sendo as suas dimensoes 1,35 x 0,93 x 1 m. Como é obvio, a dedução a tirar de estes enormes pesos é que o destino de tais mesas de pedra devía ser muito outro do que a principio se supôs ³⁸, pelo que desde logo formulamos a hipótese, de harmonía com casos tao eloquentes como o de Pendia ³⁹, da sua aplicação funerária, como urnas ou cistas, simples ou múltiplas, destinadas a guardar os resíduos da cremação dos cadáveres e a conservá-los nas próprias habitações dos vivos.

³⁷ Suspeitamos que pelo menos parte de muitas das lajes de xisto com cavidades, que apatecem em verdadeira profusão nestes castros, hão-de ser, em nossa opinião, restos dessas tampas.

³⁸ A abundancia com que estas pedras com cavidades surgiram no casario de Coaña, durante os nossos primeiros trabalhos, induziu-nos a intepretá-las imediatamente como mesas para pisar ou triturar minério, raízes tintóreas, ervas ou alimentos em geral, como cereais ou bolota; e apoiávamos esta última hipótese no testemunho de Estrabão (III, 3,7), que afirma que durante grande parte do ano estes povos comiam pão de farinha de bolota. A tal conclusão nos levara também o achado de dóis maços de granito encontrados junto de uma de estas pedras com cavidades, os quais se ajustavam nelas exactamente (A. García y Bellido, *Coaña I*, 204). Todavía, depressa vimos que os enormes pesos destas pedras não permitiam considerá-las como peças de um material de cozinha.

³⁹ A. García y Bellido, *Coaña II*, 232 ss. ídem, *Pendia*, 295.

Esta realidade, que nas liñas de este estudo vimos defendendo e demostrando, explicará plausivamente, segundo julgamos, a total carência de necrópoles (*strictu sensu*) nesta cultura castreja, as súas cámaras de incineración e os casos por nós observados en Pendia e Coaña, aos quais, como vimos nas páxinas anteriores, outros mais se puderan acrescentar, algúns deles (em Meirás, por exemplo) bem comprobados posteriormente en escavacións cuidadosas, outros, numerosos, aquí referidos, mal interpretados por carecerem de antecedentes que confirmasen a súa verdadeira finalidade, mas agora valorizados en seguida a posteriores descubertas.

Com efecto, pedras grandes, com buracos regulares e profundos e com o mesmo destino que as de Coaña, Pendia e La Escrita, também noutros castros existen, como no de Santa Tecla. Neste castro encontrou-se una grande pedra cuadrada, de granito, de uns 33 cm. de lado, com grossoiro rebordo e cinco recipientes redondos e profundos, distribuidos [-22→23-] ordenadamente um em cada ángulo e outro ao centro. Os buracos ou caçoletas encontram-se por sua vez contornados por um fino rebordo, isto é, como nos de Coaña ⁴⁰.

Pedra semelhante é a granítica procedente do Castro de Bailar, actualmente no Museo de Orense, com tres cavidades algo irregulares ⁴¹.

Além destas, é muito possível que *las pequeñas cazoletas elípticas y circulares, una de ellas muy profunda, admirablemente excavada en forma de vaso*, que Maciñeira viu no castro de Céltigos ⁴² fossem depósitos de incineración idénticos aos de Meirás e Coaña.

Já também demos a conhecer ⁴³ una peça semelhante, achada em Tarragona ⁴⁴, provida de três cavidades, grandes e profundas como as duas dos castros do Navia ⁴⁵.

Actualmente toda esta complexa teoría por tantos lados verosímil e por tantos outros comprobada, como acabamos de ver, pode sem dúbida vir a sofrer rectificacións em algúns dos seus aspectos, conforme achados futuros as justifiquem, mas cremos bem que, nas súas liñas gerais, se manterá. De facto foi favoravelmente considerada por algúns dos meus colegas, pouco depois de embrionariamente a ter exposto num dos meus traballos sobre Coaña ⁴⁶ e, a este respeito, muito grato nos é aquí invocar, como final destas liñas, o nome do saudoso F. López Cuevillas, cuja autoridade por [-23→24-] todos foi reconhecida. Diz ale assim (póstumamente) referendo-se a esta teoría:

«*Hoy, después del descubrimiento de los hoyos que podemos llamar funerarios, destinados a recibir los restos recogidos; en las incineraciones de los cadáveres, hoyos en los que se encontraron ejemplares en los de Coaña, Pendia y La Escrita y, sobre todo en el de Meirás, no puede excluirse en absoluto una utilización de este género*» ⁴⁷.

⁴⁰ C. de Mergelina, *Sania Tecla*, fig. 21.

⁴¹ Lorenzo, *Aguas Sanias*, 198 com figura.

⁴² F. Maciñeira, «Los castros prehistóricos del N. de Galicia», *Hom. Mérida I*, 139 ss.

⁴³ *Coaña II*, fig. 18.

⁴⁴ Ver J. Gudiol, *Arqueología Sagrada Catalana*², Barcelona s. a. (1933) I, 87 e fig. 144. Cf. *Anuari Inst. Est. Catal.*, 6, 1915-1920, 718.

⁴⁵ Algo de semelhante deveriam também ser as chamadas «pedras bebedouros», aparecidas em muitos castros, como nos de Troña, Cameixa, etc., sem com isso quereremos afirmar que muitas delas não fossem efectivamente pias para dar de beber ao gado menor, galinhas, etc. Isto porém aínda não está suficientemente esclarecido, como seria para desejar.

⁴⁶ *Coaña II*, 288 ss.

⁴⁷ F. López Cuevillas, *CEG* 13, 1958, 318.